

RESENHA:

RORTY, Richard. *Uma ética laica*. Trad. Mirella Traversin Martino. São Paulo; Editora Martins Fontes, 2010.

Eustáquio José da Silva¹

A expectativa é a de uma carta: o remetente é o próprio texto a ser resenhado e o destinatário uma sociedade ainda religiosa, nominalmente a nossa sociedade brasileira, na qual o texto ganha o valor e a serventia necessária para que o leiamos e o tenhamos como referência de leitura de nossa realidade.

Fruto de uma conferência em Turim pronunciada por Richard Rorty e com a introdução de Gianni Vattimo, o texto foi primeiro lançado em 2008 sob o nome de “Um-ética per Laici” e traduzida em 2010 com o título de “Uma ética laica” por Mirella Traversin Martino. A publicação deste texto adere à necessidade que temos de lidar com a questão ética e esta enquanto pensada desprovida de sua intrínseca relação com um ideário platônico-religioso de “ponto fixo moral” inerente e imanente ao homem afixado por um ser transcendente e poderoso. Responder a esta questão quando estamos diante de uma pluralidade de coisas e de situações e quando várias relações estão reivindicando seu espaço social torna-se necessário, e por que não uma ética laica?

O texto pretende tratar da relação conflituosa na sociedade, ou melhor dizendo nas sociedades, entre concepções *fundamentalistas* (estritamente religiosas ou relacionadas a estas de alguma forma) que o Rorty define como “ideais válidos enquanto alicerçados numa realidade, no real” defendidas pelo papa Bento XVI como nascidas na própria “natureza humana” e na necessidade de um ponto fixo e verdadeiro que seria uma moral universal e os *relativistas* que negariam esta afirmação.

A despeito da crítica recebida nas questões formuladas no final da conferência, Rorty se referia a possibilidade, a partir de uma ética laica, de convivência entre as duas perspectivas e a não tentativa de fundamentar toda a realidade possível (e plural), como era o *modus operandi* da filosofia e da própria igreja historicamente, numa única visão, a saber; a visão transcendentalista da moral numa natureza humana.

¹ Mestrando em filosofia no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Sob a reclamação de que a democracia, e a sua verdade relativizada, estavam sendo impostas como a única verdade válida a todos, o cardeal Ratzinger criticava o crescimento desta corrente ética taxando-a de possível desagregação da natureza humana deixando-a desprotegida diante de uma realidade. Para Rorty a reclamação de Ratzinger não se sustenta justamente porque pensadores como ele, James, Santayana, Habermas e Dewey estavam preocupados em garantir as possibilidades de uma pessoa frente ao seu progresso moral e intelectual garantindo o direito à satisfação dos desejos, desde que não ferissem os desejos alheios de serem realizados.

Satisfazer os desejos não teria o sentido de um absolutismo do relativo e de um enfraquecimento da moral que funciona enquanto demonstra o que se deve fazer, segundo a perspectiva fundamentalista apontada por nosso autor, mas significa primeiramente munir o homem da liberdade possível para ir buscar o maior ponto de felicidade possível. Daí se podem inferir duas coisas: 1. A nossa impossibilidade de buscar marcos universais e no máximo poderemos apenas procurar aumentar o número de pessoas com as quais nos identificamos e nesses grupos buscar satisfação de desejos e conseqüente felicidade derivada desta. 2. A ideia de que toda a questão ética passa primeiro pela questão dos desejos e esta deve ser vista caso a caso como na postura preconceituosa contra os homossexuais, o machismo, a segregação racial e social entre outras coisas. A nossa ideia de ética deve abranger dar voz ao máximo de pluralidades possível sem que, com isso, privemos alguém de direitos de satisfação de seus desejos.

Essa sempre foi uma atitude questionada por quem defende a fórmula platônico-religiosa de ver a moral e o ser humano. O título proposta à conferência por Rorty explicita bem a sua reação a este fato: “Espiritualidade e Secularismo” deixa clara a intenção de que a busca de Rorty é também por formas de espiritualidade que não sejam ligadas necessariamente à religião, a uma forma universal de ver as coisas. Aqui em comum com André Comte-Sponville², Rorty quer uma forma de espiritualidade possível sem o crivo religioso. A proposta rortyana é a de uma espiritualidade que busque progresso no âmbito horizontal e não para uma ascensão vertical proposta por fundamentalistas.

É preciso saber que para Rorty relações religiosas, místicas, poéticas e filosóficas, como postas neste texto, são produtos da imaginação humana (criação humana) e que estas são partes importantes para o progresso humano no campo moral e intelectual. O homem produz pela imaginação linguagens novas que o auxiliam a crescer e a melhorar a sua vida e a de quem o

² COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo; Editora Martins Fontes, 2009. Neste texto Comte-Sponville defende a visão de uma noção de “comunidade”, necessária a uma sociedade que queira se manter, independente de uma religião. A noção de comunidade seria o cimento que uniria diferentes formas de ver o mundo diante de uma única sociedade possível

circunda. Enquanto exercendo este papel todo ser humano contribui para o progresso moral e diminui as distâncias que as segregações preconceituosas e baseadas numa ótica petrificada da razão ou de uma verdade exterior à história e ao tempo proporcionam.

Por que uma ética laica? Porque somente uma ética laica permite que falemos numa realidade mais democrática e menos desigual e mantém como valores a serem seguidos apenas a solidariedade e o respeito como ideais possíveis e não um amor incondicional ao próximo apenas possível em discursos. E esta mesma ética laica permite a sobrevivência de duas coisas numa sociedade: 1. A presença de diversas formas de expressão e linguagens incluindo a própria concepção religiosa, pois não poderemos escolher em definitivo que caminho seguir sem que levemos em conta os desejos locais e acentuados historicamente que queremos realizar. 2. Que a partir desta pensemos o ser humano incluindo homens, mulheres, heterossexuais e homossexuais, ricos e pobres sem que precisemos até destes pares descritos e vendo simplesmente como seres humanos dispostos a buscar algo que é comum a todos: a busca da felicidade possível a partir da realização de seus desejos.

Remeter este texto, como numa carta, à sociedade religiosa brasileira é a minha singela indicação de que somente quando buscarmos este entrelaçamento de diversas formas de discurso, diversos discursos, é que poderemos falar em progresso em nossa realidade. A própria concepção de ética que temos seria mais ligada ao homem e não a um fundamento platônico extratemporal e suprasensível, mas a uma realidade tangível e na qual estamos sempre. Uma ética para laicos não significa que todos o sejam, mas que a ética se coloque como dentro das questões humanas e não na sua suposta neutralidade anterior e a intenção rortyana em defender este tipo de reflexão ética seria algo a ser melhor visto em nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo; Editora Martins Fontes, 2009